REFORMA E ABERTURA

NA CHINA: VINTE

E CINCO ANOS*

Helder Paulo M. Silva

Resumo: este artigo discute o programa de desenvolvimento chinês idealizado por Deng Xiaoping, em 1978. Anteriormente sacudida por dois importantes marcos históricos, o Grande Salto Adiante e a Revolução Cultural, a China foi levada a um estado de falência e de pobreza. O programa visa recolocar a China no caminho do desenvolvimento sustentado e contínuo, ascendendo-a a potência mundial, e tem como base a abertura do país aos investimentos externos, a reforma das estruturas político-administrativas e a urbanização chinesa.

Palavras-chave: crescimento, desenvolvimento, investimento, potência, industrialização

O movimento de modernização político, econômico e social que ocorre a partir de 1978, sendo idealizado por Deng Xiaoping possui características que remontam ao plano das quatro modernizações¹ previstas pelo ex-líder chinês. Ocorre em função de dois movimentos de grande repercussão – o Grande Salto Adiante (1958) e a Revolução Cultural (1966-1976) – que colocam a nação chinesa em estado de falência e atraso econômico-cultural.

No presente artigo, visa-se expor as razões para que ocorresse a Reforma, suas características, bem como seus alcances/conquistas e suas aspirações futuras, tendo como enfoque a geopolítica. A metodologia utilizada, baseou-se na leitura de textos geopolíticos, principalmente sobre a questão de território, territorialidade, poder entre outros, juntamente com a leitura de obras sobre o referido país.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA REFORMA E ABERTURA

Os antecedentes da Reforma se baseiam em dois importantes movimentos: o Grande Salto Adiante e a Revolução Cultural. Ambos são idealizados por Mao Zedong – líder da Revolução Socialista, desde 1949. A importância desses movimentos para a Reforma, podem ser sentidos no âmbito de suas aspirações e suas influências para a China.

A Revolução Cultural² atrasa o desenvolvimento intelectual e científico, tendo os estudantes universitários como atores, ao passo que o Grande Salto³ atrasa o desenvolvimento econômico, tendo como apoio os camponeses. Colocando, assim, a China em um estado de extremo atraso e subdesenvolvimento.

O Grande Salto Adiante ocorre entre 1958 e 1960, visa modernizar e industrializar a China por meio de ambiciosos e ousados objetivos. O idealista é Mao e o executor o campesinato. O Salto, em seu primeiro ano, caminha bem, apresenta aumento da produção agrícola e industrial, além da descentralização na tomada das decisões, por meio das Comunas Populares⁴. Contudo, nos anos de 1959 e 1960, o Salto caminha para à extinção.

Nesses anos, ocorre uma queda acentuada na produção agrícola – enfoque demasiado na produção de matérias-primas industriais, além das secas e enchentes – e na produção industrial – ineficiência na implementação da indústria de base, siderurgia, em decorrência da incapacidade de seus utilizadores, camponeses, e na falta de produtividade, altos-fornos ineficientes de fundo de quintal. Junta-se a isso o fato das Comunas, em raras exceções, não conseguirem implantar o modelo de coletividade e descentralização administrativa.

Dessa forma, a China entra em crise econômica, gerando insatisfação da gigante massa rural. Para solucionar o problema, Mao acaba com o movimento e explica as razões de seu insucesso: in experiência de seus implementadores – autoridades políticas. Enfim, o Grande Salto retrocede a China, em vez de avançá-la.

Apesar de se expor como um programa apenas de cunho econômico, o Grande Salto também é geopolítico. Mao Zedong percebe a necessidade de manter os camponeses no campo, já que

a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (SOUZA, 1995, p. 84).

Percebe-se que para a China preservar a sua integridade territorial, há a necessidade da população continuar a viver no campo.

De acordo com Raffestin (1993, p. 58), “O conflito de dois Estados pela posse de uma região não é apenas um conflito pela aquisição de um pedaço de território, mas também pelo que ele contém de população e/ou de recursos”. Isto se apresenta por meio da disputa, pois as relações entre ex-URSS e China estão tensas pelos embates pelos territórios do Norte da Machúria – rica em reservas carboníferas e redutor do percurso da ferrovia trans-siberiana.

Por fim, a teoria do poder terrestre, desenvolvida por Mackinder, se insere nesse contexto: “Quem domina a Europa Oriental controla o coração do mundo. Quem domina o coração do mundo controla a ilha mundial⁵. Quem domina a ilha mundial controla o mundo” (1962b, p. 150). A ex-URSS almeja dominar o mundo, grande parte já alcançado, como suas áreas de influência na Europa Oriental e seu próprio território na Ásia Central. Assim, falta apenas parte da China, impossibilitando-se, desta forma, as aspirações soviéticas. Enfim, a geopolítica se mostra presente nas tentativas de Mao fazer da China moderna, independente, poderosa e fora do subjugo de Moscou, com seus ideais de dominação.

A Revolução Cultural ocorre entre 1966 e 1976, seu idealista, mais uma vez, é Mao Zedong. Contudo, o agente de implementação do plano passa a ser a juventude universitária, por meio dos Guardas Vermelhos – organização política da juventude socialista chinesa, que recebe grande liberdade de atuação e expressão do governo, para implantar os objetivos do plano. A Revolução visa reorganizar toda a sociedade e o Partido Comunista Chinês (PCC), no sentido de implantar o socialismo e acabar com a ideologia burguesa.

Para tanto, aprovam-se os 16 pontos no Congresso do partido. Entre eles, destacam-se acabar com os velhos hábitos, costumes, idéias e cultura; simplificar a educação; recuperar os quadros desviados do partido; além do papel fundamental de Mao e Exército Popular de Libertação (EPL).

Como o Grande Salto, no primeiro momento, a Revolução surte o efeito desejado, obtendo apoio de massa e fazendo com que a mesma passe a viver sobre o princípio do socialismo. Contudo, em 1967, a Revolução inicia seu fim, pois o PCC perde seu foco, em decorrência da atuação excessiva dos Guardas Vermelhos. Pois, estes, criam uma espécie de organização partidária de ultra-esquerda, querendo tomar o poder. Após inúmeros embates políticos e pela própria fraqueza de sua concepção, o grupo é extinto por Mao.

No decorrer dos anos de 1968 à 1976, ocorre o período de reestruturação do partido, que sai desse embate enfraquecido e praticamente deslegitimado pela população. Conforme Reis (1982, p. 66-7),

o processo da Revolução Cultural representou para o povo chinês mais uma etapa na busca de um caminho próprio para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Revelou a inadequação das estruturas estatais e o desprestígio em que mergulhara o PCC aos olhos das massas populares urbanas e dos jovens. [...] O movimento teve inegavelmente um caráter de massas.

Após todo esse longo processo de tentativa de aprimorar e estabelecer o socialismo na China, o que se percebe, na realidade, são atrasos culturais – universitários, por estarem engajados na Revolução não vão às instituições, ocasionando retrocesso tecno-científico – e econômico – o complexo fabril chinês encontra-se falido, extremamente inchado e burocrático, mostrando-se ineficiente.

A China, em 1976, está falida, pobre e subdesenvolvida. No começo da década de 1970, a China busca sair de seu isolacionismo. Parte, então, para a implementação das relações diplomáticas e comerciais com EUA – que se concretiza em 1979 –, Japão e Europa, no intuito de fazê-la voltar a trilhar no caminho do desenvolvimento.

Durante todo esse processo, um dos importantes membros do partido, Deng Xiaoping – líder chinês entre 1978-1993 – encontra-se ora no poder, ora fora dele – questões políticas.

Em sua última volta, 1976, ele aparece como herói, principalmente após a morte de Mao. Deng, apresenta, então, à nação chinesa e ao mundo a Reforma e Abertura, programa de modernização da nação chinesa. Para tanto, implanta, antes, um programa de reajustamento, na administração, finanças, cultura e indústrias, entre 1978-1981.

Os principais pontos do programa de reajustes envolve a regularização das estruturas na China. Juntamente com a reavaliação de todos os fatos históricos recentes ocorridos na China, no sentido de serem revistos, compreendidos para saber onde se encontram os erros, para que no futuro não seja cometidos novamente.

Após esse primeiro processo, dá-se, então, a Reforma propriamente dita. Cujos princípios são aprovados na reunião do Congresso do PCC, em 1982.

CARACTERÍSTICAS DA REFORMA E ABERTURA

Idealizado e implementado por Deng Xiaoping, a Reforma e Abertura é um movimento que visa promover o projeto de reformas de maior escala e repercussão na história humana. Tem-se como objetivos principais implantar um socialismo de tipo chinês; elevar o padrão de vida e consumo da população; abertura da economia ao exterior; modernização da China; e eliminação da pobreza e analfabetismo. Transformando, assim, o país em um gigante econômico, desenvolvido e como potência mundial. Seu período de duração começa em 1978 e prossegue à 2050, de forma lenta e gradual.

As estratégias chinesas, fundamentam-se em quatro princípios gerais, quatro modernizações, três tarefas, quatro trabalhos e dez princípios econômicos.

Os quatro princípios gerais são: socialismo – processo de transição em que convive o capitalismo, até atingir um estágio elevado, no qual não há necessidade deste; democracia popular – regime, no qual a população desfruta de plenos direitos; direção do PCC; e o marxismo – princípio orientador chinês.

As quatro modernizações são: industrial, da agricultura, da defesa nacional e da ciência e tecnologia. Realizadas de forma gradual, para colocar a nação no caminho do desenvolvimento e acompanhar o ritmo internacional.

As três tarefas são: aceleração da modernização – necessidade da nação de aproveitar o fluxo internacional de capital ao mundo subdesenvolvido; reunificação da pátria – reincorporar partes do território cedidos ao mundo ocidental, Macau (Portugal), Hong Kong (Reino Unido) e Taiwan (ilha rebelde), para tanto, tais áreas desfrutariam de regime diferenciado, cujo capitalismo e as leis permaneceriam intocadas por 50 anos; e luta pela estabilidade regional e mundial – impedir a hegemonia mundial única, além de estabelecer relações pacíficas e amigas com às nações do mundo.

Os quatro trabalhos são: reforma estrutural das instituições estatais – redução dos organismos do Estado – ministérios, reciclagem profissional e cultural; estímulo à civilização socialista – por meio da educação, mostrar à sociedade o papel do socialismo; combate às atividades delituosas – impedir ações contra as autoridades governamentais e ao PCC; e retificação do trabalho do PCC – melhoria constante da atuação do PCC.

Dos dez princípios econômicos, os mais destacados são: acelerar a produção agrícola; desenvolver a indústria de consumo; utilizar devidamente os recursos energéticos e melhorar os transportes; persistir na abertura; in-

vestir na construção civil; articular a idéia de tudo para o povo; elevar o nível científico e cultural etc.

Após essas estratégias aprovados no Congresso do PCC, dá-se o programa de reformas no país, no qual sendo dividido em três estágios: 1º, entre 1980-1990; 2º, entre 1990-2000; 3º, entre 2000-2050. Cada qual com um enfoque específico, contudo, sendo todos intercalados, com um objetivo comum: desenvolvimento econômico-social-político.

O primeiro estágio visa, entre 1980 a 1990, um crescimento sustentado, porém não rápido; início da abertura para investimentos externos – zonas econômicas especiais, parte litorânea; estabelecimento de parcerias e relacionamento diplomático – acordo CBERS⁶, Brasil e China, em 1988; busca recompor o território chinês – acordos de devolução de território com Inglaterra em 1983 e Portugal em 1988; início do intercâmbio cultural e científico – diga-se envio de estudantes chineses aos países de melhor tecnologia em cada área.

Enfim, estabelecer uma base sólida, com intuito de aproveitar, no próximo estágio, os lucros deste e solucionar futuros percalços no caminho ao desenvolvimento.

O segundo estágio obedece, entre 1990 a 2000, um maior padrão de interação internacional, bem como maior abertura, crescimento acelerado e recebimento de investimentos externos. Além de consolidar as reformas na legislação e no partido, inclusive com as privatizações e fechamento de estatais deficitárias – padrão do neoliberalismo.

O período acima, é marcado pelo início de grandes transformações urbano-rurais, no sentido da construção e na globalização – início da construção da Usina de Três Gargantas e remodelamento de cidades inteiras, junto com melhorias na infra-estrutura. Por fim, retorno de Hong Kong à China em 1997 e Macau em 1999.

Este último sendo assim explicado: “O território é um trunfo particular, recurso e entrave, continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. O território é o espaço político por excelência [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 59-60). Daí a necessidade do retorno dessas regiões a China. É um dos pontos estabelecidos pela Reforma.

Durante esses vinte anos, visa-se erradicar o analfabetismo e retirar a população da pobreza, bem como dar acesso a uma gama de produtos de consumo a mesma. Começa-se, o país, a trilhar sozinho no desenvolvimento econômico-tecnológico, por meio de parcerias entre empresas chinesas e estrangeiras – no qual os estrangeiros, entram com capital e tecnologia, enquanto que os chineses com mão-de-obra e gerência nos projetos; por novas

empresas chinesas – tanto privadas como estatais. No intuito de dar a China uma analogia não só de centro fornecedor de produtos baratos, mas como centro de desenvolvimento e exportação de tecnologia e produtos de ponta. Enfim, incorporar a China na globalização, porém sem esquecer das características de sua política socialista.

Antes de se seguir ao 3º estágio, é merecido colocar algumas conquistas da Reforma nesse período de 25 anos, 1978-2003. Dentre as quais, as mais destacadas são: aumento no comércio mundial de pouco mais de US\$ 25 Bi para US\$ 840 Bi – 3º maior no mundo; recebimento de mais de US\$ 600 Bi em investimentos externos – 1º lugar no mundo – provenientes das 400 maiores empresas do mundo. Ser o 2º maior mercado de rádio e 1º mercado de telefonia fixa e móvel – 600 milhões de linhas; entrada de financeiras e bancos, bem como a utilização desde de 1988 dos cartões de crédito; investimentos estatais na infra-estrutura, para atender o crescente aumento na demanda por tais elementos, no valor de mais de US\$ 100 Bi – destaca-se usina de Três Gargantas, 1993-2009, transposição de águas do sul para o norte, 2003-2050, construção de ferrovias, auto-estradas, aeroportos e portos, além de várias usinas, tanto hidrelétricas, nucleares, termelétricas etc.

Além da construção da cidade de Shenzheng – maior polo de desenvolvimento tecnológico e de produtos avançados da indústria tecnológica chinesa, juntamente com as reformas das cidades de Pequim – capital, Xangai – maior cidade comercial e industrial da China.

Outro importante fato é o envio de mais de 600 mil estudantes chineses ao exterior para aprenderem as melhores técnicas, de todas as áreas, nos países de renome mundial; acesso de mais de 95% da população ao ensino obrigatório de nove anos.

No setor social, nota-se uma corrente urbanizadora, no qual 400 milhões dos chineses vivem na cidade e 900 milhões no campo, além da retirada de mais de 400 milhões de pessoas da pobreza. Inclusão na constituição dos direitos à propriedade privada, intelectual e os direitos humanos.

Em suma, apesar de estar na metade do processo de reforma, o país já atingiu grande parte de seus objetivos: aumento do ensino, rápido e sustentado desenvolvimento econômico, redução da pobreza e miséria, aumento da pesquisa científica e rápida urbanização. Assim, a China se mostra preparada para se inserir completamente na globalização e comércio mundial.

Dentro da visão geopolítica, a reintegração de quase a totalidade de territórios – excessão de Taiwan – mostra que se alcançou os trunfos do poder. Na análise do desenvolvimento da infra-estrutura e educação, recorre-se a Raffestin (1993, p. 60):

[...] a energia e a informação, elas estão em condições de tornar complementares as duas faces da medida de todas as coisas. Portanto, desempenham um papel preponderante, que não pode nem deve ser subestimado.

Ou seja, a relação é evidente, utilizando do trunfo da população – maior do planeta, as autoridades chinesas investem em sua capacitação como forma de produzir conhecimento. Nesse sentido, toda a esfera de atuação da Reforma se mostra de caráter de ascensão e conquista de poder, nomeadamente trunfos de poder.

Após um enfoque histórico, nos objetivos/características e nas realizações, chega-se ao ponto da projeção futura, ou seja, último estágio. O terceiro estágio objetiva, entre 2000-2050, crescer de forma sustentada, na casa do 5 a 6% ao ano, para que se possa resolver alguns problemas decorrentes do processo de rápido crescimento econômico – desigualdades socioeconômicas – além de continuar a pleitear os objetivos remanescentes e atingir um grau de desenvolvimento firme para que se dê qualidade e acesso aos bens materiais que o povo necessita.

Dentre os problemas a serem resolvidos, encontra-se a forte desigualdade econômica – industrial e tecnológica – entre o Leste, rico e urbanizado, e o Oeste – pobre e rural; reduzir a corrupção dentro do partido, no qual a maioria de seus membros encontra-se na faixa dos milionários chineses – 20 milhões –, e reduzir o distanciamento entre as classes urbanas e as rurais, dando acesso e melhorando a qualidade de vida destes. Enfim, melhorar ainda mais a China, de forma a torná-la próspera, igualitária, desenvolvida e coexistindo como potência mundial.

Nesse contexto de Reforma e Abertura, a China busca algo explicável pela geopolítica: o poder. O poder⁷ – relativo ao Estado – se encontra presente nessa reforma, pois a China sendo um Estado socialista, apresenta uma centralização das tomadas de decisões, maiores do que nos países ocidentais, o que acarreta ao Poder suas características diretas e sua indiscutível eficácia.

O governo chinês ao planejar, pensou corretamente no sentido da infra-estrutura, no desejo de trazer um maior desenvolvimento, acarretando uma maior integração, sendo citado os exemplos de construção de ferrovias no extremo oeste do país, para interligar o Tibete ao restante da China – local de relevo acidentado e de difícil acesso, além de investir no processo de urbanização e de melhorias na condição de vida para que não haja um êxodo elevado e, por conseguinte, a transformação em uma área sem população e como consequência, desprotegida. Em suma, a logística ressaltada no plano

de Reforma e Abertura é fundamental para fazer da China próspera, integrada e atuante na esfera internacional.

O desenvolvimento sustentável⁸, no começo da Reforma não existia. Contudo, a partir do final da década de 90, sente-se a necessidade real para a mudança de foco, pois os poucos rios chineses estavam poluídos. Soma-se a isso a necessidade de inserir a China num contexto de desenvolvimento sustentável e de inserção mundial no mesmo. Assim, a geopolítica da questão ecológica foi um dos aperfeiçoamentos da Reforma e Abertura na China.

A identidade nacional, de acordo com Zilá Mesquita, vem mudando rapidamente com a globalização. As características culturais são profundamente modificadas, apesar dos esforços governamentais no sentido de caminhar para uma identidade nacional única, forte e soberana, para impor frente ao avanço da sociedade ocidental.

Ao abrir o país, o governo tinha consciência das mudanças culturais nessa sociedade milenar, acarretadas pelas influências externas, mas sabia que mesmo isso acontecendo, algo benéfico ocorreria para o país, o início do desenvolvimento nacional da tecnologia e sua exportação, fazendo da mesma, a China, apresentar o domínio no campo científico. Dessa forma, o país, por meio desse processo de abertura, perde um pouco de sua identidade nacional, porém ganha em contrapartida no processo de desenvolvimento tecnológico. Contra balanceando, assim, os aspectos de sua perda de soberania⁹ para as características ocidentais.

A China é capitalista, o governo socialista. A fronteira do capitalismo dentro da China tem muito a percorrer, pois se colocássemos em um mapa, as áreas que já estão sobre a influência do capitalismo e a globalização, em círculos, notaria-se que apenas as partes urbanas da China – pouco mais de 600 cidades – estariam inserida no mundo global. A grande maioria, contudo, estaria fora – áreas rurais. O que demonstra que as fronteiras¹⁰ tem muito a percorrer para se encontrar com os limites¹¹, como já ocorre nos países europeus.

Na questão de ligação comercial por meio dessas fronteiras/limite ainda ocorre de forma isolada, pois apenas nas fronteiras do Norte – Rússia e Coréia do Norte – e do Sul – Vietnã – que ocorrem tal fenômeno, no restante desse imenso limite territorial, ainda não há uma interação mundial. Precisa-se, ainda, de um caminhar rumo ao desenvolvimento, aumento da fronteira capitalista e da interação e integração mundial. Em suma, a China caminha para um processo acelerado de desenvolvimento, no qual suas fronteiras internas tem muito a aumentar e se espalhar de forma gradual até atingirem todo país e fazê-la desenvolvida.

O processo de Reforma e Abertura encaixa-se bem nas definições geopolíticas, pois por meio de determinadas características, percebe-se que seu intuito não foi apenas econômico, mas estratégico. Colocar a China no topo do mundo, requer algo mais além do que o capital externo, necessita de parâmetros que são obtidos na geopolítica, ou seja, a integração, limite, fronteira, Poder, território, enfim inúmeros conceitos que juntos, conduzem a China para um caminho que atualmente é conduzido pelos EUA, o de potência mundial e por conseguinte, na condução de suas características e perspectivas para o planeta. Porém, com cuidado e especial atenção aos percalços dessa longa jornada, chamada Reforma e Abertura.

CONCLUSÃO

O processo de Reforma e Abertura, apesar de aparentar ser ineficaz, como foram seus antecessores – Grande Salto e Revolução Cultural –, mostrou-se ideal para tirar o país do isolamento mundial, insolvência econômica e extrema pobreza. Além de recompor o país territorialmente e transformá-lo numa potência mundial.

Atualmente, a China já é respeitada, não só pelo seu imenso território – terceiro maior do mundo –, pela grande população – maior do mundo – ou pelo seu desempenho econômico – sexta maior economia do mundo –, mas, inclusive, por seu potencial no desenvolvimento intelectual, científico, tecnológico, além da própria defesa.

A China, com certeza, tende a ter erros, como qualquer outro país, contudo, seus acertos mostram-se maiores e mais acertados, conjuntamente com o socialismo de mercado, idealizado por Deng Xiaoping. Tudo isso, fará dela, uma nação de elite, disputando, inclusive, a soberania mundial com os EUA, porém, não exercendo uma postura única nas questões mundiais, mas, pregando a coexistência pacífica mundial, com empenho da população e eficiência na tomada de medidas políticas e cooperação sul-sul. O futuro caminha para esse desfecho.

Os objetivos traçados pelo presente artigo, de maneira geral, atingiram seu enfoque, pois, apresentou de forma clara e conjuntamente com elementos geopolíticos, as características, objetivos e perspectivas da Reforma. Ressalta-se, contudo, que o caráter de enfoque nos estágios e de análise geopolítica, ficou aquém da profundidade planejada, porém conseguiu, em linhas gerais, expor a proposta do tema: explanar sobre o motivo de tamanha atenção concedida a China e as razões de sua ascendência no âmbito mundial.

Notas

- ¹ Agricultura, indústria, ciência e tecnologia e forças armadas.
- ² Movimento de estudantes universitários que objetiva socializar todas as esferas do país, desde a sociedade civil à estrutura do partido. Ocorre em decorrência do temor da disseminação do capitalismo neste país.
- ³ Programa que visa industrializar a China partindo da indústria de base, tendo no campesinato o sujeito desta ação.
- ⁴ Organizações de comunidades rurais, baseadas em áreas territoriais específicas, cujas características são a grande autonomia na tomada de decisões, tanto políticas, econômicas e sociais.
- ⁵ Constituída de seis regiões naturais: o coração do mundo, as terras monçônicas asiáticas, a costa europeia, o deserto do Saara, a Arábia e o coração do mundo do sul que corresponde a aproximadamente dois terços da África (MIYAMOTO, 1995, p. 32).
- ⁶ Satélite sino-brasileiro de sensoriamento remoto. Mais informações, encontram-se no site: <<http://www.inpe.gov.br>>.
- ⁷ “É o poder visível, maciço, identificável. Como consequência é o perigoso e inquietante, inspira a desconfiança pela própria ameaça que representa” (RAFFESTIN, 1993, p.52). Em outras palavras, coerção do Estado em relação a população. De acordo com Raffestin (1993, p. 53), “o poder se manifesta por ocasião da relação”.
- ⁸ No sentido de crescimento, expansão econômica de acordo com padrões ambientais, ou seja desenvolvimento com proteção de fauna e flora.
- ⁹ Sentido de cultura externa influenciar nos hábitos, costumes do povo local, podendo gerar, inclusive, insatisfação em relação à atual situação do país.
- ¹⁰ “Vem da noção de *in front* ‘em frente’ como a ponta de lança da civilização [...] e por isso orientada para fora (exterior)” (MESQUITA, 1990, p. 69).
- ¹¹ “Vem de *bounds* ‘limites, fins’ implicando limites territoriais [...] é uma linha de separação definida” (MESQUITA, 1990, p. 69).

Referências

- CASTELLO, I. R. et al. (Org.). *Políticas de integração fronteiriças*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995. p. 79-91.
- CASTRO, I. E. de et al (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.
- LEANEN, A. et al. (Org.). *Revista do Mercosul*, Porto Alegre, p. 64-73, 1996.
- MIYAMOTO, S. *Geopolítica e poder no Brasil*. Campinas: [s. n.], 1995.
- POMAR, W. *China: o dragão do século XXI*. São Paulo: Ática, 1996.
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- REIS, D. A. *A construção do socialismo na China*. São Paulo: Brasiliense 1982.
- SPENCE, J. D. *Em busca da China moderna: quatro séculos de história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Abstract: the Reform and Opening Up, chinese development program, idealized by Deng Xiaoping, in 1978. Its antecedents are two important

historical marks: the Great Jump Ahead – economical setback, and the Cultural Revolution – Both, setback China, leaving it in bankruptcy state and poverty. The program seeks to put back China in the road of the sustained development and continuous, besides ascending it as world potency. One of its more important lines, is the opening of the country to the external investments, it reforms of the political-administrative structures and Chinese urbanization.

Key words: *growth, development, investment, potency, industrialization*

* Artigo elaborado para fins de avaliação parcial da disciplina Geopolítica do Espaço Mundial I, ministrada pelo professor Marajá João Alves de Mendonça Filho.

HELDER PAULO M. SILVA

Graduando do curso de Relações Internacionais da Universidade Católica de Goiás.